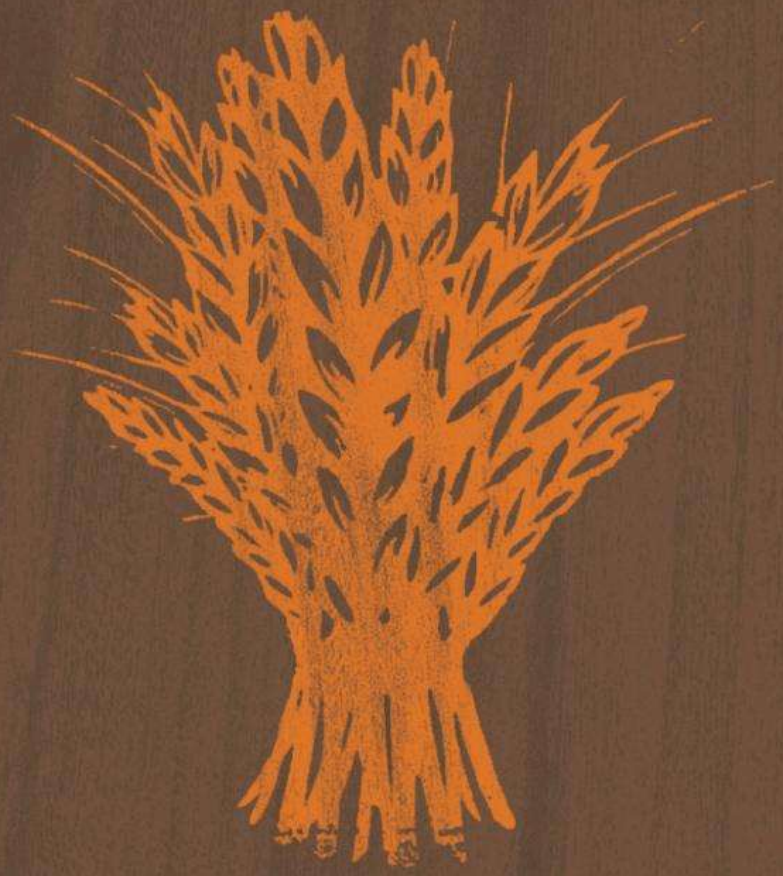
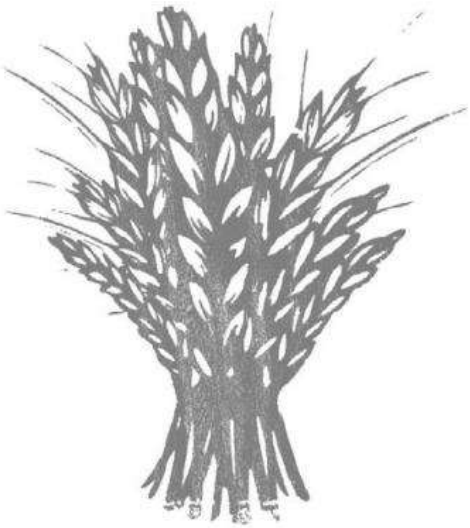
Facebook Twitter Skype Mais...



O QUE É A GRANDE COMISSÃO?

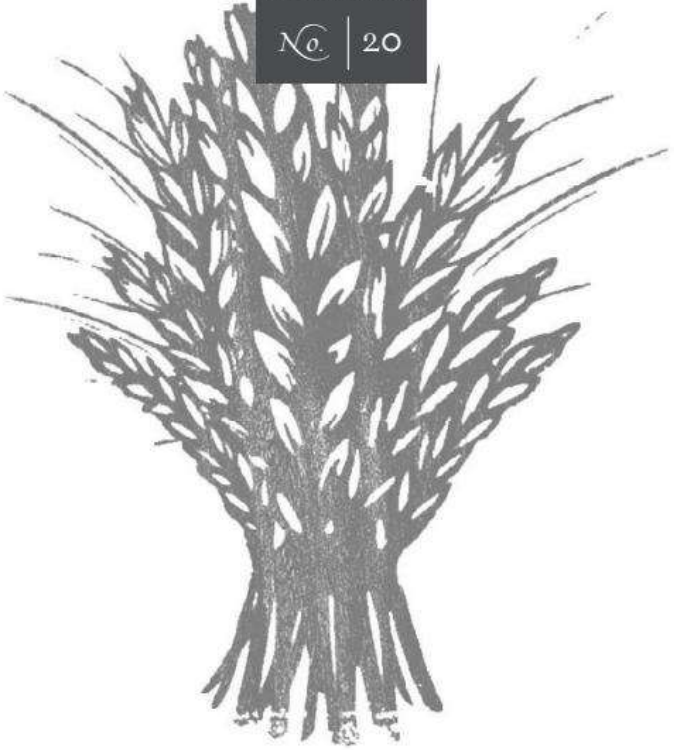
R. C. SPROUL

QUESTÕES CRUCIAIS
No. 20



O que *é a* Grande Comissão?

QUESTÕES CRUCIAIS
No. 20



O QUE É A GRANDE COMISSÃO?

R.C. SPROUL

FIEL Editora

O Que é a Grande Comissão?
Traduzido do original em inglês
What is the Great Comission?,
por R. C. Sproul
Copyright © 2015 by R. C. Sproul

■

Publicado por Reformation Trust Publishing
a division of Ligonier Ministries
400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

Copyright©2015 Editora FIEL.
1ª Edição em Português 2016

■

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

■

Diretor: James Richard Denham III.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Sandra Salum Marra
Revisão: Elaine Regina Oliveira dos Santos
Diagramação: Rubner Durais
Capa: Gearbox Studios
ISBN: 978-85-8132-356-5

FIEL Editora

Caixa Postal 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

Um – O que é o evangelho? 7

Dois – O que é a evangelização? 15

Três – A mobilização dos crentes 27

Quatro – Evangelização sistemática 37

Cinco – A base bíblica para missões 43

Seis – À procura do perdido 49



Capítulo Um

O que é o evangelho?

A batalha entre o exército persa de Dario I e as tropas gregas, travada em Maratona, em 490 a.C., foi um divisor de águas nas guerras greco-pérsicas e na história da sociedade ocidental. Até aquele ponto, Dario não havia sido derrotado em sua tentativa de conquistar a Grécia, e o domínio persa na região do Mediterrâneo tinha avançado regularmente por mais de cento e cinquenta anos. A derrota das forças superiores da Pérsia pelo exército grego, em Maratona, marcou o início dos duzentos anos de influência da cultura grega clássica e o declínio do império medo-persa.

Essa foi uma batalha de tremenda importância – embora as pessoas que ficaram em seus lares não tivessem a menor ideia do resultado, assim que a luta terminou. Tiveram de esperar com ansiedade para receber alguma informação sobre o que aconteceu. Atualmente, em muitos casos, não temos de esperar muito para termos informações acerca de eventos significativos. Vivemos em um mundo em que as notícias viajam rapidamente com a tecnologia sofisticada, para anunciar o que se passa no globo terrestre em questão de segundos. No mundo antigo, porém, as coisas não eram assim. Uma batalha de importância estratégica para a história da nação podia ter ocorrido a trezentos quilômetros e, com certeza, levaria um bom tempo para as notícias percorrerem essa distância.

No mundo antigo, os exércitos empregavam batedores para anunciar o resultado de batalhas. As pessoas que ficavam em casa colocavam vigias para captar algum sinal do mensageiro. Conta-se que o vigia saberia, pela forma de correr do batedor, se ele trazia boas ou más notícias. Um dos legados duradouros da batalha de Maratona foi a inspiração para a corrida hoje denominada Maratona. Conta a lenda que um batedor trouxe a notícia da vitória ateniense e caiu morto de exaustão, assim que chegou. Ele

forçou seu corpo além de seu limite, porque trazia boas notícias e desejava que o povo se alegrasse.

O apóstolo Paulo faz menção a essas práticas na carta aos Romanos, em que diz "Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!" (10.15). Imagine o vigia olhando os pés do batedor que corria para os portões da cidade para trazer a boa notícia. Era bonito de se ver, e o povo celebraria a vitória ao avistá-lo. Eles tinham uma palavra para aquele tipo de mensagem: era um *euangelion*, uma boa notícia, um *evangelho*. Essa palavra vem do latim *evangelium*, que deriva do grego *euangelion*. A palavra grega é formada pelo prefixo *eu* e pela raiz *angelion*. O prefixo *eu* é frequentemente encontrado em nossa língua e se refere a algo "bom".

Veja, por exemplo, a palavra *eufemismo*. Um dentista que vai começar a usar sua broca pode dizer ao paciente "Isso pode ser um pouco desagradável", em vez de avisar que vai doer muito. Ele usa palavras mais brandas para suavizar algo que seria difícil de ouvir. Isso é um eufemismo: dizer algo com termos mais agradáveis do que aquilo que a realidade expressa. Do mesmo modo, em um funeral, quando o ministro diz algo agradável acerca do falecido, chamamos isso de *eulogia*, uma "boa palavra".

Quando o prefixo *eu* é acrescentado à raiz *angelion*, que significa "mensagem" (a mesma raiz nos dá a palavra "anjo", que é o "mensageiro"), temos *euangelion*, que significa "boa mensagem". Originalmente, a palavra *euangelion* era empregada como expressão literal para qualquer boa notícia – particularmente no contexto de enfrentamentos militares ou campanhas políticas. Ao vir para o Novo Testamento, porém, o conceito de *euangelion* assume novo sentido. Jesus iniciou o seu ministério com uma proclamação pública sobre boas notícias que ele anunciava ao povo, o que chamamos de *o evangelho do reino*. Ele anunciou um novo estado de coisas, que ele ilustrou de diversos modos com as parábolas, dizendo "o reino do céu se assemelha a isto", ou "o reino do céu se assemelha àquilo".

Nas cartas, vemos que o uso de *euangelion* sofreu uma mudança. Após o ministério pessoal de Jesus – depois de sua vida, morte e ressurreição – os autores do Novo Testamento não falam mais em evangelho do reino. Em vez disso, falam sobre o "evangelho de Jesus Cristo". A pregação apostólica concentrou-se na pessoa e na obra de Cristo. Foi isso que a palavra *euangelion* veio a significar, no fim do Novo Testamento: ela tinha a ver com uma mensagem e uma proclamação sobre Jesus, incluindo quem ele era e o que ele fez.

Lemos sobre esse evangelho, em Lucas 24:

> ... no primeiro dia da semana, alta madrugada, foram elas ao túmulo, levando os aromas que haviam preparado. E encontraram a pedra removida do sepulcro; mas, ao entrarem, não acharam o corpo do Senhor Jesus. Aconteceu que, perplexas a esse respeito, apareceram-lhes dois varões com vestes resplandecentes. Estando elas possuídas de temor, baixando os olhos para o chão, eles lhes falaram: Por que buscais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos preveniu, estando ainda na Galileia, quando disse: Importa que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de pecadores, e seja crucificado, e ressuscite no terceiro dia. Então, se lembraram das suas palavras. E, voltando do túmulo, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os mais que com eles estavam (Lc 24.1-9).

Pense no que foi para os onze, as mulheres virem correndo da sepultura e anunciarem muito entusiasmadas: "Ele não está lá, ele ressuscitou!". Essa mensagem não foi uma boa notícia qualquer. Não foi apenas a notícia de uma vitória militar ou da eleição de um herói político. Essa foi a maior mensagem jamais comunicada ao

mundo, uma notícia que mudou tudo. Se essa mensagem é verdadeira ela *tem* de mudar tudo. Não se pode ouvi-la e permanecer indiferente. É por esse motivo que muitos são hostis à pregação do evangelho: eles entendem que, se isso é verdade, a vida nunca mais poderá ser a mesma.

A chave para a compreensão da importância do evangelho se encontra no primeiro versículo da carta aos Romanos, quando Paulo se identifica como "... servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus" (1.1). Quando Paulo menciona o evangelho de Deus, ele não quer dizer que se trata de uma mensagem *sobre* Deus, mas uma mensagem que *pertence a Deus*. Em outras palavras, ele está dizendo que o evangelho vem *de Deus* para nós. Foi Deus quem declarou ser Cristo o Messias, ao ressuscitá-lo dos mortos. É Deus quem anuncia ao mundo a essência do que denominamos *kerigma*, a proclamação da vida, morte, ressurreição, ascenção e retorno de Cristo. A tarefa de evangelização, portanto, é simplesmente repetir para o mundo o que o próprio Deus declarou. Ele foi o mensageiro original.

E qual é a natureza da mensagem? Durante o século 19, houve um período de ceticismo sobre a confiabilidade da Escritura e acerca de muitas de suas afirmações, com respeito a eventos sobrenaturais como os milagres.

Reagindo a isso, alguns reduziram o significado do cristianismo ao princípio ético dos ensinamentos de Jesus, afirmando que o que importa não é o *status* ou autoridade sobrenatural, mas sim o poder e a relevância de seus ensinamentos. De acordo com essa interpretação, o verdadeiro evangelho tem a ver com a mensagem de Jesus para os relacionamentos humanos, porque ele ensinou as pessoas a conviverem umas com as outras. Essa perspectiva tornou-se conhecida como "evangelho social"; ela acenou para a igreja com uma nova missão de envolver-se com a justiça social e o cuidado dos doentes, dos pobres, dos moribundos e dos oprimidos.

Se, porém, basearmos nossa definição de evangelho no sentido que o Novo Testamento dá à palavra, não haverá espaço para um evangelho social. O evangelho no Novo Testamento, primeira e principalmente, é uma mensagem sobre uma pessoa, e sobre o que ela realizou por meio de sua vida, morte, ressurreição e ascensão. Isso não quer dizer que a igreja não deva preocupar-se com ética e com justiça social, uma vez que, se o evangelho é verdadeiro, as implicações sociais são impressionantes. Na verdade, é por causa desse evangelho que a igreja precisa ter consciência das necessidades dos que sofrem. Mas jamais poderemos substituir a mensagem de Cristo

pelo empreendimento humano da preocupação social.

Nossa preocupação social *deriva* do evangelho – não *substitui* o evangelho, que, em sua essência, é uma proclamação sobre Jesus, que personifica a entrada do reino de Deus na História. As boas novas do Novo Testamento começam como uma mensagem sobre o reino e terminam como a mensagem do rei.

IDE, PORTANTO, FAZEI DISCÍPULOS DE TODAS AS NAÇÕES

Jesus mesmo deu esta missão a todos os seus discípulos: Ir às diferentes nações, fazer novos discípulos, ensiná-los e batizá-los. Esta é ainda hoje a missão da igreja cristã.

Neste volume da série "Questões Cruciais", o Dr. R. C. Sproul explora o ensino da "Grande Comissão" e demonstra a base bíblica para missões definindo o evangelho, a evangelização e a chamada para a mobilização dos crentes para anunciar as boas novas. Também fala sobre métodos para evangelização e aponta para a promessa que Cristo fez de que ele mesmo edificaria sua igreja. Este livro é um desafio para igrejas e indivíduos obedecerem à ordem do Senhor Jesus de fazerem novos discípulos.



O Dr. R. C. Sproul nasceu em 1939, no estado da Pensilvânia. É ministro presbiteriano, pastor da Igreja *St. Andrews Chapel*, na Florida. Fundador e presidente do ministério Ligonier, professor e palestrante em seminários e conferências, autor de mais de sessenta livros, vários deles publicados em português e editor geral da *Reformation Study Bible*. Durante os seus mais de quarenta anos de ministério no ensino acadêmico e na igreja, o Dr. Sproul tem se dedicado a transmitir com clareza as verdades profundas e práticas da Palavra de Deus. É casado com Vesta Ann e o casal tem dois filhos, já adultos.

FIEL Editora

ISBN: 978-85-8132-356-5

9 788581 323565

Categoria: Doutrina / Evangelização